

**GRUPO DE ESTUDO-REFLEXÃO PELA VIA DA PESQUISA-AÇÃO
COLABORATIVO-CRÍTICA**

Islene da Silva Vieira¹
Prefeitura Municipal da Serra
Mariangela Lima de Almeida²
Universidade Federal do Espírito Santo
Fernanda Nunes da Silva³
Prefeitura Municipal da Serra
Damila Soares de Carvalho⁴
Prefeitura Municipal de Vitória

Eixo Temático 5: Formação de Professores.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo colaborar, por meio da pesquisa-ação colaborativo-crítica, com a trajetória formativa de um grupo de gestores públicos de Educação Especial do Estado do Espírito Santo, em uma perspectiva da racionalidade comunicativa. Buscou, pela análise da trajetória de um grupo de estudo-reflexão, identificar elementos teóricos e metodológicos que têm contribuído com a formação de gestores públicos de Educação Especial. De natureza qualitativa, assume a perspectiva teórico-metodológica da pesquisa-ação colaborativo-crítica, em um processo que buscou compreender a trajetória formativa do grupo de estudo-reflexão. A trajetória do grupo de estudo-reflexão sobre Gestão de Educação Especial revela a potência da pesquisa, da autorreflexão e da colaboração na construção em processos formativos que contribuem para a constituição da identidade do gestor e de sua autonomia

Palavras-chave: Gestão pública de Educação Especial. Inclusão Escolar. Formação continuada. Pesquisa-ação colaborativo- crítica.

¹ Mestra em Educação; islenes@gmail.com

² Doutora em Educação; mlalmeida.ufes@gmail.com

³ Mestra em Educação; fernanda.fefanunes@gmail.com

⁴ Mestra em Educação; damila_soares@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, impulsionados por movimentos sociais de lutas contra a discriminação e a favor das diferenças, temos observado avanços relacionados com o direito à educação dos alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades e/ou superdotação, considerados público-alvo da educação especial (PAEE).

Diante dessa realidade, pensar em processos formativos na perspectiva crítica é um desafio e um movimento de resistência que vem sendo realizado pelo Grupo de Pesquisa Formação Pesquisa-Ação e Gestão da Educação Especial (Grufopees) – CNPq/Ufes⁵ desde o ano de 2013, com formação continuada na perspectiva inclusiva para os profissionais da educação. De acordo com Japiassú (1996, p. 17), “[...] talvez o melhor que possamos fazer seja defender a necessidade de um pensamento questionante, multidimensional, fragmentário, mas sem abandonar as questões globais e fundantes”. Nesse sentido, o Grufopees tem apostado em uma formação continuada crítico-reflexiva com o outro, sustentada na perspectiva teórico-epistemológica da pesquisa-ação colaborativo-crítica. Uma formação que é constituída a partir de pesquisa e extensão, com compromisso de construir, por meio de trocas e do diálogo, um processo de autorreflexão, levando em conta os contextos vividos e as realidades locais.

O Grufopees, por meio da pesquisa-ação colaborativo-crítica, busca romper com a dicotomia entre teoria e prática, visando à construção de conhecimento com o outro, pois, sustentado na racionalidade comunicativa de Habermas (2000), aposta na relação entre ouvinte e falante, tendo em vista o entendimento mútuo. Dessa forma, na construção de seus processos formativos, o grupo aposta na construção de espaços dialógicos, possibilitando a exposição de pensamentos de forma crítica a partir da racionalidade comunicativa, no intuito de, assim,

⁵ Coordenado pela professora Dra. Mariangela Lima de Almeida, o grupo de pesquisa é integrado por professores, alunos da graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo e gestores ligados às redes municipais e estadual de ensino.

romper com interesses individuais, com as relações arbitrárias e as influências sobre o outro (ALMEIDA, 2010).

Assumindo um caráter dialógico e colaborativo, o grupo de pesquisa busca sempre articular saberes científicos com aqueles oriundos da prática pedagógica cotidiana, o que favorece movimentos de pesquisa-formação-extensão, nos quais os gestores de Educação Especial se constituem, também, como investigadores de suas próprias práticas. Ao adotarem o processo de autorreflexão, os gestores almejam “[...] melhorar a racionalidade e a justiça de suas práticas sociais ou educativas assim como a compreensão de suas práticas e das situações em que estas estão inseridas” (CARR; KEMMIS, 1988, p. 174). Apostamos, portanto, no discurso e na autorreflexão crítica para alcançar o entendimento mútuo e a emancipação dos sujeitos envolvidos no processo de pesquisa.

Diante do exposto, esse trabalho tem como objetivo: **Compreender o movimentos e desafios da criação de um grupo de estudo-reflexão pela via da pesquisa-ação colaborativo-crítica**

METODOLOGIA

Buscamos nesse trabalho, compreender como se deu esse processo de negociação e organização das demandas que emergiram na constituição do grupo de estudo-reflexão na perspectiva crítica. A perspectiva teórico-metodológica a pesquisa-ação colaborativo-crítica ancora-se nos pressupostos da teoria crítica de Habermas (2012, 2013, 2014) e na colaboração autorreflexiva entre pesquisadores e participantes (CARR; KEMMIS, 1988), compreender nosso problema de investigação. Apostamos, portanto, no discurso e na autorreflexão crítica para alcançar o entendimento mútuo e a emancipação dos sujeitos envolvidos no processo de pesquisa

A colaboração autorreflexiva entre pesquisadores e participantes, conforme temos em Carr e Kemmis (1988, p. 174), busca-se, com a pesquisa-ação, “[...] melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais ou educativas assim como a compreensão de suas práticas e das situações em que

estas estão inseridas”. Assim, ao assumir caráter dialógico e colaborativo, tal metodologia articula os saberes científicos com aqueles oriundos da prática cotidiana, levando os participantes da pesquisa a se constituírem também como investigadores de seus próprios contextos, de suas próprias práticas.

OS MOVIMENTOS INICIAIS DO GRUPO DE ESTUDO-REFLEXÃO DE GESTÃO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL (GERGEES)

Buscamos, neste subcapítulo, compreender de que modo os processos formativos disparados pelo Grufopees, por meio da pesquisa e extensão, vêm sendo organizados e delineados a partir da participação ativa dos gestores de Educação Especial ao longo desses anos. Destacamos os movimentos iniciais de constituição do grupo, os conflitos e os entendimentos buscados pelos integrantes do grupo e os consensos provisórios encontrados, pois:

[...] traz consigo conotações que, no fundo, retrocedem à experiência central da força espontaneamente unitiva e geradora de consenso própria a fala argumentativa, em que diversos participantes superam suas concepções inicialmente subjetivas para então, graças à concordância de convicções racionalmente motivadas, assegurar-se ao mesmo tempo da unidade do mundo objetivo e da intersubjetividade de seu contexto vital (HABERMAS, 2012, p. 35).

Da constituição do grupo aos acordos necessários

Utilizamos como fonte de dados para esse capítulo, o acervo documental do Grufopees: as transcrições e relatórios do Gergees, transcrição do I Colóquio sobre formação e questionários. Usamos ainda, as produções bibliográficas disparadas pelo grupo: trabalhos de conclusão de curso (TCC), dissertações, artigos e capítulos de livros, buscando dialogar com o referencial teórico-metodológico. Diante disto, iremos nos referir aos participantes, respeitando as nomeações que foram usadas nos acervos documentais e bibliográficos.

Em 2013, quando se inicia a pesquisa-formação que toma a perspectiva do **grupo de estudo-reflexão**, muitas dúvidas surgiram entre os gestores: o que eles fariam naquele espaço? O que iriam estudar? E eles entenderam que tudo isso seria decidido em grupo, considerando as necessidades dos municípios.

Trilhamos o caminho de prosseguir com o processo de construção de conhecimentos sustentado por um paradigma de ação comunicativa, em que o conhecimento é constituído de forma intersubjetiva e como nos propõe Habermas (1987), que buscamos novas respostas para perguntas (ALMEIDA, 2016, p. 172).

De acordo com Habermas (2012), a exposição das dúvidas, bem como o entendimento são possibilitados pela racionalidade comunicativa, cujo

[...] propósito é restabelecer a unidade entre a razão teórica e prática, instaurando desta forma, uma nova mediação entre teoria e práxis. Na sua concepção, a linguagem apresenta um *telos* de entendimento que possibilita uma integração entre o mundo social, objetivo e subjetivo (GOMES, L., 2007, p.?).

Inicialmente, o que parece um desafio para o Grufopees é encontrar, em um grupo tão heterogêneo, o que pode uni-los como grupo. São os próprios gestores que apontam o que eles têm em comum:

Gestora estadual: *Somos um grupo bastante heterogêneo e, ao mesmo tempo, com uma história muito parecida, quando o assunto é formação continuada (Questionário escrito, 15-4-2014).*

Gestora municipal: *Sentindo-me provocada, mas ainda um pouco insegura (Transcrição do grupo de estudo, 3-6-2014, grifo nosso).*

Gestora municipal: *Nós começamos essa formação de uma forma que já vem atender à necessidade do município, uma **necessidade de formação**, não só um olhar da equipe, mas um olhar do grupo (Transcrição do grupo de estudo, 3-6-2014, grifo nosso).*

Conforme as gestoras apontam em suas falas, apesar das diferenças e inseguranças que relatam, elas também indicam um objetivo comum, que é a necessidade de estudar e aprofundar as questões da formação continuada.

Assim, os gestores compreendem esse movimento como possibilidade de mudança no contexto vivido:

Gestora municipal: *Observo que todos que estão envolvidos neste processo demonstram ansiedade, vontade, interesse em **absorver conhecimento que possibilitará mudanças** (Questionário escrito, 15-4-2014, grifo nosso).*

Gestor municipal: *As estratégias utilizadas pelo grupo provocam o **desejo de buscar mais conhecimentos** [...]. A partir dos diálogos, das discussões e da troca de experiências, somos convidados a todo tempo a refletir sobre qual o processo de formação continuada precisamos oferecer aos nossos educadores (Questionário escrito, 15-4-2014, grifo nosso).*

É nessa perspectiva, visando à construção de conhecimento, a partir do diálogo, da reflexão, que o grupo vai delineando a sua formação continuada com os

gestores, buscando a emancipação e a mudança em contexto. Assim, o grupo de pesquisa se sustenta nos pressupostos de autorreflexão de Habermas (2013, p. 56), que “[...] traz à consciência aqueles elementos determinantes de um processo de formação, os elementos que determinam ideologicamente a práxis presente da ação e da interpretação de mundo”.

No contexto do grupo de estudo-reflexão, os gestores começam a pensar sobre os processos de formação que estavam acostumados a receber e a oferecer e tiveram um espaço para refletir sobre essas práticas: “**Gestor estadual:** *Estamos acostumados a realizar uma formação sob encomenda, e precisamos aprender a construir um novo caminho*” (Questionários escrito, 15-4-2014).

Nos primeiros anos do grupo, observamos um constante movimento de autorreflexão crítica, porém encontramos, ainda, gestores que buscam um modelo de como fazer formação: “**Gestora municipal:** *Eu acho que a gente está no lugar certo. Nós somos gestores de Educação Especial, então nada melhor do que um processo de pesquisa acadêmico, para dizer para gente os caminhos que a gente deve seguir*” (Transcrição do grupo de estudo, 3-6-2014, grifo nosso).

Essa visão da gestora é de uma formação tecnicista, que entende o papel da universidade e do conhecimento acadêmico, como os “iluminadores” da prática, concebendo os gestores como aplicadores do conhecimento científico e as “[...] questões educacionais são tratadas como problemas ‘técnicos’ os quais podem ser resolvidos objetivamente por meio de procedimentos racionais da ciência” (ZEICHNER, 2008, p. 21). Ao mesmo em tempo que temos no grupo gestores que buscam um modelo pronto de formação, encontramos, também, aqueles que querem romper com esse processo tecnicista:

Gestora municipal: *Essa provocação que eu tenho tido, que vem de uma formação até tradicional, uma formação tecnicista [...] ela só reafirmou mais ainda o que eu sempre pensei, que, sem estudo, a gente não consegue chegar, porque chegar até aqui e se sentir tão provocada como eu estou. **Eu preciso estar limpinha, me reconstruir, senão eu não vou chegar a lugar nenhum*** (Transcrição do grupo do grupo focal, 3-6-2014, grifo nosso).

Podemos perceber a intenção de mudança na concepção de formação continuada saindo de uma perspectiva da racionalidade técnica que concebe a prática docente como uma solução instrumental. Assim, nessa concepção:

[...] os profissionais rigorosos solucionam problemas instrumentais claros, com a aplicação da teoria e da técnica derivadas de um conhecimento sistemático, de preferência científico. O professor é visto como um técnico que deve colocar em prática as regras e estratégias científicas e/ou pedagógicas (ALMEIDA; SILVA; ALVES, 2017, p. 1101).

A perspectiva de formação continuada assumida pelo Grufopees vai na contramão dessa racionalidade. O grupo de pesquisa é sustentado pela racionalidade comunicativa em Habermas (2012, p. 35), como possibilidade de superação da racionalidade instrumental, possibilitando o consenso pela fala argumentativa:

[...] em que diversos participantes superam suas concepções inicialmente subjetivas para então, graças à concordância de convicções racionalmente motivadas, assegurar-se ao mesmo tempo da unidade do mundo objetivo e da intersubjetividade de seu contexto vital.

Assim, os gestores são inseridos em um movimento que os convida, constantemente, a refletir sobre a sua prática, sobre seu contexto local, sobre suas angústias. Estão em um espaço onde podem se colocar:

Gestor municipal: *Hoje nós somos convidados a pensar para onde vamos, aí pensamos: como nós vamos chegar neste lugar? Eu penso e resumo: em formação. Como? Se, na prática, eu não tiver tempo para pesquisar, para estudar, para me formar? É um desafio de todos nós [...] e nós vamos descobrir como, para organizar o nosso tempo para estudar, porque, se nós não estudarmos, nós não vamos conseguir chegar a lugar nenhum. Nós precisamos ter intencionalidade da nossa prática (Transcrição do grupo de estudo, 3-6-2014).*

Os questionamentos evidenciados são muito pertinentes, pois os gestores nos mostram a necessidade de pensar na intencionalidade de suas ações, investindo em formação/estudo. Assim, concordamos com Franco (2015, p. 604), quando destaca a importância da intencionalidade relacionada com a prática profissional, que “[...] dá sentido à ação, solicitando uma intervenção planejada e científica sobre o objeto, com vistas à transformação da realidade social”.

Apesar de o grupo de pesquisa propor uma alternativa aos modelos tradicionais de formação, por meio da pesquisa-ação colaborativo-crítica, como possibilidade

de construção de conhecimento com o outro, e de todos, isso não acontece de uma forma linear, ou seja, é preciso uma desconstrução de conceitos, para que possa se construir uma nova perspectiva de formação.

Buscamos, então, estratégias que priorizem a construção coletiva de conhecimento, partindo e considerando a realidade dos envolvidos para a condução dos estudos, aprofundamento teórico e promoção de ações. De acordo com os autores Carr e Kemmis (1988, p. 174, tradução nossa),

[...] a pesquisa-ação é, simplesmente, uma forma de investigação autorreflexiva que os participantes empreendem em situações sociais, a fim de melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas, sua compreensão de si mesmas e as situações em que elas ocorrem.

Esse movimento de construção coletiva tem se constituído também como possibilidades de pensarmos em políticas de Educação Especial, na perspectiva da inclusão escolar, ressaltando a potência dos grupos que procuram “[...] romper com a lógica de produção neoliberal e instrumental na construção de conhecimentos sobre políticas educacionais e formação de profissionais na perspectiva da inclusão de alunos público alvo da Educação Especial” (ALMEIDA; BARROS; ALVES, 2018, p. 110).

De acordo com a racionalidade comunicativa de Habermas (2000), é pelo diálogo que o grupo tem a possibilidade de chegar a um consenso, um objetivo comum, pois há interação direta entre o falante e o ouvinte na busca do entendimento mútuo. Nesse sentido, os objetivos da pesquisa podem ser redefinidos de acordo com as demandas apresentadas pelo grupo.

O processo da autorreflexão permitiu ao grupo um aprofundamento e compreensão sobre a realidade local dos sujeitos que estavam envolvidos na pesquisa. Isso possibilitou que o grupo mudasse as ideias e concepções anteriormente concebidas, mas, para tanto, são necessários esforços, individuais e coletivos, para que haja, de fato, um aprendizado. A pesquisa-ação nos diz que esse movimento de autoconhecimento é possível por meio do diálogo, pois ele fortalece o potencial coletivo do grupo (CARR; KEMMIS, 1988) que, no lugar:

[...] do sujeito solitário, que se volta para objetos e que, na reflexão, se toma a si mesmo por objeto, entra não somente a ideia de um

conhecimento linguisticamente mediatizado e relacionado com o agir, mas também o nexos da prática e da comunicação quotidianas, no qual estão inseridas as operações cognitivas que têm desde a origem um caráter intersubjetivo e ao mesmo tempo cooperativo (HABERMAS, 2003, p. 25).

Assim, com o desenvolvimento de uma formação continuada com o outro, compreendendo o contexto vivido e considerando as demandas apresentadas pelos envolvidos, o grupo faz o delineamento do processo formativo. O grupo de estudo-reflexão, sustentando pelos pressupostos da Teoria do Agir Comunicativo de Habermas (2012), possibilita aos gestores um lugar seguro para compartilharem suas reflexões, proporcionando um espaço formativo para todos os envolvidos.

Dos conflitos aos entendimentos mútuos

É importante considerarmos que os grupos autorreflexivos vivenciam inúmeros conflitos de interesses, intencionalidades e posicionamentos. Isso porque empregamos uma perspectiva de trabalho com o outro e não sobre o outro (BARBIER, 2007). Tal concepção dá voz e ouvidos aos participantes, permitindo que os gestores das diferentes Secretarias Municipais de Educação evidenciem suas necessidades, concepções, apreensões, ao mesmo tempo em que recebem, de igual forma, os diferentes argumentos. Por isso, acreditamos que os conflitos precisam ser colocados, expostos para que haja a busca pelo entendimento mútuo.

Habermas ressalta que “[...] os conflitos surgem da distorção na comunicação, do mal-entendido e da incompreensão, da insinceridade e da impostura” (HABERMAS, 2004b, p. 48). Assim, por considerar que os interesses individuais nem sempre irão dialogar com os interesses do grupo, ameaçando a sua integridade, as decisões devem ser tomadas com cuidado e prudência por parte dos membros, submetendo-as a decisões democráticas (CARR; KEMMIS, 1988).

Dessa forma, o trabalho pela via dos grupos autorreflexivos refere-se ao agir comunicativo, no qual se busca entender o outro, deixando suas necessidades individuais e assumindo os acordos coletivos. Nessa perspectiva, em 2013-2014,

o Grufopees procura atender a uma demanda apresentada pelo Gergees: disparar processos de constituição de ações comunicativas e colaborativas entre gestores públicos de Educação Especial pela via das tecnologias da informação e comunicação como disparadoras de processos de formação continuada.

Assim, o grupo de estudos, além dos encontros presenciais na universidade, investiu, também, na proposta dos gestores por encontros virtuais. Essa intenção foi sinalizada em pesquisas anteriores e é apresentada novamente como uma possibilidade de aumentar os espaços de diálogo, trocas, debates e reflexões. Essa demanda trouxe:

[...] desafios para a equipe da universidade e gestores, frente ao desafio da tecnologia da informação e comunicação (TIC's). Inicialmente, a partir das demandas dos gestores, construímos um website para troca de informações e formação. Com o passar do tempo, percebemos que nossa maior necessidade não estava sendo atendida, assim foi criada a plataforma moodle® com a finalidade de permitir maior comunicação, diálogo e comunicação entre gestores e pesquisadores (ALMEIDA; SILVA; ALVES, 2017, p. 1107-1108).

O grupo de pesquisa foi buscando os espaços tecnológicos para a informação e comunicação entre os gestores e também com a universidade. Apesar de ser uma demanda que apareceu durante diferentes pesquisas realizadas com os gestores, na prática não foi utilizada conforme o esperado, causando algumas inquietações entre os integrantes do grupo de pesquisa, conforme a transcrição do diálogo no grupo de estudo realizado no dia 26-8-2014 (grifos nossos):

Professora mediadora: Então, por isso que eu acho que quando você percebe este espaço para expor o diálogo, e quando a gente fica insistindo nisso, é exatamente isto para trazer este diálogo. É muito difícil nós sairmos daqui, da Ufes, e ir lá; é difícil você sair de lá e vim para cá. É complicado. E quando você aponta que tem uma forma e um caminho, é pensar que este espaço existe. Nós que temos que dinamizar este espaço. Nós que temos que implementar. Vocês solicitaram esse espaço para discussão porque estamos distantes. O espaço foi criado e não há trabalho.

Gestor municipal: Eu, pessoalmente, não me sinto obrigado nesse espaço. Até mesmo assim, quando eu coloco essa questão: Opa! Se for fato que isso também é um elemento de pesquisa, se for fato que a maioria não tem participado como consensualmente foi pensado no início, isso é um elemento de investigação, ao invés de: por que vocês não estão fazendo? Ou melhor, não é essa a pergunta, né? Vocês não estão fazendo, porque, assim, eu não me sinto obrigado, porque, assim, eu até aposto nisso que a gente fala de fazer junto. Eu aposto nisso. E quando a gente coloca isso em análise, não é vocês dizendo para nós, mas todos nós discutindo o que aconteceu.

Professora mediadora: *Por isso que colocamos isso na roda de conversa. E eu pergunto para o grupo: 'Por que trouxemos a questão da participação do chat hoje?'. Exatamente para uma análise.*

Gestor municipal: *Mas do jeito que foi colocado foi assim: vocês não estão fazendo.*

Professora mediadora: *Nós colocamos dessa forma, porque não foi a equipe da Ufes que criou isso; foi uma solicitação de vocês. Vocês pediram um espaço para dialogar, pois não temos como estar pessoalmente juntos. O motivo de nossa cobrança é a utilização desse espaço que foi uma demanda solicitada por vocês, mas que não é utilizado.*

Gestor municipal: *É incômodo meu! Essa não participação é incômodo meu. Até mesmo assim, vindo para cá. Por que a gente não viria para cá? Por que a gente não tem participado? E isso tem nos incomodado. Ressaltando: a gente está em um espaço de pesquisa. Então, é importante pensar: Por que de 18, somente dois participaram? O que aconteceu? Ao invés de: Poxa! Vocês não quiseram? Acho que, se a gente está construindo junto, a gente precisa colocar isso em análise.*

Consideramos esse diálogo muito importante para o grupo, pois cada um colocou suas angústias e inquietações, sem coerções. É nesse diálogo franco que o grupo vai se comprometendo e se constituindo como grupo, pois a responsabilidade e o compromisso são de todos, por isso é necessária essa compreensão do que está sendo colocado, solicitado. É preciso refletir sobre as demandas mais importantes para o grupo e para os gestores naquele momento. O gestor municipal se manifesta sobre a importância do grupo e das demandas locais:

Gestor municipal: *E a gente tem pensado essa formação enquanto equipe formadora numa perspectiva[...]. Porque, assim, **a gente tem problematizado uma perspectiva de formação, e o tempo todo, como foi se lidando com o ocorrido não foi no sentido de se colocar em análise**, a respeito dessa maioria que não participou do que aconteceu. Mas foi no sentido de uma produção de culpa [...], sem ser indelicado. Eu não me sinto tentado a pedir desculpas, porque parece que nós ficamos irresponsáveis com relação ao que tem acontecido, e até falaram assim: 'Vocês não são crianças', mas, desse jeito, parece que estão nos tratando como crianças, porque eu acho que o fundamental de tudo é colocar em análise a participação no chat. Eu acho que isso é mais importante nessa conversa hoje, do que ficar falando: 'Nós fazemos, e vocês não estão fazendo'. Eu acho isso superindelicado e também acho que isso vai de encontro com o que nós temos discutido até então, porque é colocar em análise o nosso cotidiano. Então, assim, eu lamento, e lamento mesmo (Transcrição do grupo de estudo, 26-8-2014, grifo nosso).*

Acreditamos que o incômodo relatado pelo gestor tenha sido causado pela mediação em um dos encontros do grupo de estudos. Naquele momento, a

professora coordenadora do Grufopees não esteve presente por questões de saúde. Assim, a ausência de estudo e planejamento do encontro pode ter ocasionado o “tom” de cobrança por parte daqueles que fizeram a mediação. É importante destacar os desconfortos do processo, pois todos estávamos, e ainda estamos aprendendo a trabalhar juntos, coletivamente, na construção desse grupo, e isso não é um processo rápido, não é linear e não tem uma “receita” de como fazer. Esses momentos nos fazem repensar as nossas estratégias e evidenciar questões a serem refletidas: se a proposta do grupo é de reflexão, por que os gestores não estão usando as plataformas como possibilidade?

Ao longo dos anos, pudemos observar que o Gergees foi se consolidando, fortalecendo e se constituindo como grupo num processo de idas e vindas, pois, à medida que iam avançando nos desafios postos e pensando em possibilidades do trabalho colaborativo, outras demandas iam e continuam surgindo. No entanto, não paramos diante das dificuldades. Vimos os desafios, por exemplo, o obstáculo de mediar um conflito, como oportunidade de impulsionar reflexão e mudança. Nesse sentido, “[...] os movimentos construídos no grupo de estudo-reflexão [...] marcam a crença de profissionais, sejam da educação básica ou do ensino superior, na construção de conhecimentos com o outro como possibilidade de constituição de formação” (ALMEIDA; SILVA; ALVES, 2017, p. 1113-1114).

Observamos, que o processo formativo dos gestores pela via da pesquisa-ação possibilitou que eles fossem se comprometendo com a aprendizagem, a transformação da realidade e se apropriando do seu lugar de pesquisadores, num processo de emancipação pela via do conhecimento, assumindo não só uma postura descritiva, mas também crítica, visando a um movimento reflexivo comprometido com todos os envolvidos (CORREIA, 2014).

Foi neste movimento de olhar para esse coletivo e começar a se questionar sobre o papel/atuação e conhecimentos do gestor, que ressaltamos a necessidade de formação continuada para esse profissional, no sentido de compreender as suas possibilidades como gestores de Educação Especial, e nos possíveis movimentos políticos que possam garantir esse atendimento ao aluno PAEE. Os gestores-pesquisadores começam a colocar para o grupo a

reflexão de que recebem cobranças de ações nos municípios, por ocuparem esse lugar de gestão:

Gestora municipal: [...] como não aconteceu essa parceria ainda, eu estava parada. Eu precisava de uma posição, **porque os professores estão cobrando [...] eles querem que a gente dê conta, dê uma solução, o gestor adquiriu essa denominação** (Transcrição do I Colóquio sobre formação, 27-8-2015, grifo nosso).

Assim, segundo a gestora, a visão que é dada ao gestor é de um profissional “solucionador” de problemas e detentor do saber. A fala da gestora nos mostra uma preocupação com a ocupação desse lugar e também com a necessidade de parcerias para exercer o seu trabalho. Ressalta ainda, a importância de conhecimento e formação para os profissionais que ocupa o cargo de gestores públicos de Educação Especial dentro das secretarias de educação.

CONCLUSÃO

Buscamos nesse trabalho mostrar a importância e a necessidade dos movimentos formativos dos gestores públicos de Educação Especial, a nossa aposta teórico-metodológica busca a construção coletiva, possibilitando espaços de diálogo, trocas, aprendizagem do/em grupo “[...] mediante processos de reflexão no próprio grupo” (CARR; KEMMIS, 1988). Segundo esses autores, a pesquisa-ação colaborativo-crítica é uma forma de investigação autorreflexiva que parte da realidade dos envolvidos, buscando o diálogo, a compreensão da própria prática de forma reflexiva, mudança da realidade e situações nos contextos nos quais estão integrados.

Compreendemos que a formação continuada, na perspectiva crítica, é um desafio, mas, conforme os dados apresentados, ela também se mostrou uma possibilidade possível e viável. Vimos, assim, um comprometimento de um grupo de profissionais das redes de ensino, todos disposto a desconstruir o modelo tradicional e tecnicista de formação e, se desafiarem em um trabalho coletivo, de grupo, aproximando a universidade das redes de ensino e partindo das demandas do contexto vivido, possibilitando um “formar formando-se” (PANTALEÃO, 2009).

Buscamos mostrar que a formação continuada, na perspectiva crítica e a consolidação de um grupo de estudo-reflexão não acontece de uma forma linear e nem existe uma “receita pronta”, pois, ao longo desses anos, o próprio grupo foi aprendendo a trabalhar de forma coletiva, entendendo os processos da mediação das demandas, compreendendo que cada integrante tem um tempo e forma de aprendizagem, de implicação e de consolidação de conhecimento.

Assim, observamos que os profissionais foram se constituindo gestor no decorrer do processo de formação continuada, na medida em que avançavam na compreensão de que seu cargo não se restringe somente a questões pedagógicas. Ao longo do processo de pesquisa-formação, os gestores foram gradualmente percebendo que a gestão pública é atravessada e implicada por questões políticas, administrativas, financeiras, dentre outras, exigindo desses profissionais conhecimento, argumentação, posicionamento, constante atualização, ou seja, é um processo contínuo de formação e aprofundamento nas questões relacionadas ao cargo.

Dessa forma, esperamos contribuir com o avanço do conhecimento no que se refere a formação continuada do gestor público de Educação Especial, que contribua para superarmos a discriminação, trabalhando na perspectiva inclusiva, sensível às diferenças individuais e culturais das minorias, o que pode/deve ser almejado em uma democracia, a partir da criação de “[...] direitos grupais específicos, políticas de equiparação e outros arranjos que levem a uma efetiva proteção das minorias” (HABERMAS, 2002, p. 166).

REFERÊNCIA

ALMEIDA, M. L. **Uma análise sobre a produção acadêmica sobre os usos da pesquisa-ação em processo de inclusão escolar: entre o agir comunicativo e o agir estratégico.** 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

ALMEIDA, M. L. **Gestão de educação especial e os processos de formação continuada: um estudo comparado internacional.** São Carlos: PPGEE/UFScar, 2016. (Projeto de pesquisa e plano de trabalho de estágio pós-doutorado).

ALMEIDA, M. L.; BARROS, M. L. S.; ALVES, J. B. Formação continuada de gestores de educação especial pela via da pesquisa-ação: uma análise da

constituição da autonomia. *In*: ALMEIDA, M. L.; CAETANO, A. M. (org.). **Formação e gestão em educação especial: a pesquisa-ação em foco**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2018. p. 107-134.

ALMEIDA, M. L.; SILVA, R. R.; ALVES, J. B. O grupo de estudo-reflexão perspectiva teórico-metodológica para formação continuada: um estudo com gestores públicos de educação especial. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, v. 21, n. esp. 2, p. 1098-1118, nov. 2017.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2007.

CARR, W.; KEMMIS, S. **Teoría crítica de la Enseñanza: la investigación-acción en la formación del profesorado**. Tradução de Bravo Martinez Roca. Barcelona: Editora, 1988.

CORREIA, V. G. P. **Alunos com paralisia cerebral na escola: linguagem, comunicação alternativa e processos alternativos**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 set. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GOMES, L. R. O consenso como perspectiva de emancipação implicações educativas a partir da teoria da ação comunicativa de Habermas. **GT: Filosofia da educação**, n.17 p. 1-16, 2007.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HABERMAS, J. **A inclusão do outro: estudos de teoria política**. Tradução de George Spenber, Paulo Astor Soethe e Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2004a.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

JAPIASSÚ, H. **A crise da razão e do saber objetivo: as ondas do irracional**. São Paulo: Letras & Letras, 1996.

JESUS, D. M. O que nos impulsiona a pensar a pesquisa-ação colaborativo-crítica como possibilidade de instituição de práticas educacionais mais inclusivas?. *In*: BAPTISTA, C. R.; CAIADO, K. R. M.; JESUS, D. M. (org.). **Educação especial**: diálogo e pluralidade. Porto Alegre: Mediação, 2008.

PANTALEÃO, E. **Formar formando-se nos processos de gestão escolar e inclusão escolar**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

ZEICHNER, K. M. Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 535-554, maio/ago. 2008.